

B A G D A D E

A propósito do saque do Museu de Bagdade

A negligência e o fracasso de uma ocupação americana do Iraque

Mas a situação desastrosa de Bagdade não é caso único. Teme-se que outras situações de pilhagem ocorram por todo o país. Todavia, como os EUA proibiram à missão da UNESCO a deslocação para fora da capital iraquiana, estamos limitados a rumores que referem que os dois museus de Babilónia foram incendiados.

Vasco Resende

Instituto de Estudos Árabes e Islâmicos «David Lopes» da Universidade de Lisboa

Sem dúvida alguma, a presença das tropas anglo-americanas no Iraque debate-se com inúmeros problemas relacionados não só com a reacção das populações locais mas também com a sua própria capacidade de intervir num cenário de devastação generalizada. O saque do Museu Nacional de Bagdade, ocorrido em meados de Abril passado é uma consequência directa dessa mesma dificuldade e representa um testemunho de uma ocupação militar irresponsável e negligente. O facto é ainda mais grave se pensarmos que, ainda antes da guerra se iniciar, a UNESCO tinha enviado ao governo americano um mapa com os principais sítios arqueológicos, acompanhado de uma lista das instituições museológicas do Iraque, salientando o cuidado em salvaguardar a integridade destes locais considerados essenciais para a preservação da cultura da antiga Mesopotâmia. Tal não impediu que, no seguimento à entrada dos americanos na capital iraquiana, se desse lugar a uma desenfreada pilhagem de peças históricas (não só da Antiguidade pré-clássica mas também dos primeiros séculos do Islão na Mesopotâmia) por toda a cidade sem que nenhum controlo das forças aliadas se realizasse. Mais grave ainda, as autoridades americanas foram alertadas pelos responsáveis do Museu para o acontecimento, que se prolongou por vários dias, sem que nada fosse feito para impedir a sua continuação.

A reacção internacional não se fez esperar: choveram críticas à actuação norte-americana no Iraque, na sua maio-

ria condenando as operações pouco ortodoxas das tropas aliadas. Nem os comentários de mau gosto de Donald Rumsfeld conseguiram disfarçar uma resposta generalizada de descontentamento. Mas mesmo no seio da administração dos E.U.A., houve reacções imediatas de discordância com a forma como o assunto foi tratado. Martin Sullivan, presidente da comissão de aconselhamento acerca dos bens culturais no quadro da UNESCO, e Gary Vikan, membro da mesma comissão, pediram imediatamente demissão.

Entretanto, uma missão da UNESCO – de que fazia parte o director do British Museum, Neil MacGregor, bem como outras personalidades ligadas ao universo museológico da Europa, E.U.A. e Japão – visitou a capital do Iraque e procurou apurar a verdadeira dimensão dos estragos. Mounir Bouchenaki, arqueólogo de formação, assessor do director-geral para a cultura daquela organização e líder da missão, revelou que as primeiras notícias relativamente ao Museu de Bagdade tinham sido exageradas, mas que o país se conhecia um momento de desastre cultural generalizado. Com efeito, ao que tudo indica, algumas peças, como por exemplo o tesouro de Nimrud, teriam sido anteriormente transportadas para outros locais; mas tendo em conta que três dos oito cofres do Museu foram arrombados e que cerca de dois a três mil objectos se encontram perdidos, a situação está longe de se poder considerar como controlada. Outras instituições culturais da capital foram bastante mais afectadas. A Biblioteca Nacional, que também albergava os Arquivos Nacionais, foi barbaramente incendiada e o seu equipamento destruído. Na verdade, segundo as informações de um arquitecto que observou o local, o próprio edifício corre o risco de colapso e terá de ser inteiramente reconstruído.

Mas a situação desastrosa de Bagdade não é caso único. Teme-se que outras situações de pilhagem ocorram por todo o país. Todavia, como os EUA proibiram à missão da UNESCO a deslocação para fora da capital iraquiana, estamos limitados a rumores que referem que os dois museus de Babilónia foram incendiados; ou que os sítios arqueológicos de Nippur e Níneve continuam a ser saqueados, visto não existir qualquer controlo sobre a situação.

A questão do saque do Museu de Bagdade, bem como de grande parte dos sítios arqueológicos do Iraque, só pode ser devidamente equacionada tendo em consideração o clima de pós-guerra em que o país agora vive. Como censurar a população que furta peças museológicas depois de mais de uma década de restrições e de uma situação económica miserável? Não se deverá pensar na identificação da ausência de sentido de património nacional do povo iraquiano como principal culpado desta situação lastimável. Não nos iludamos: o mesmo poderia acontecer num qualquer país ocidental dadas as circunstâncias extremas por que passou o Iraque nos últimos anos. Há sim que sublinhar a incompetência (ou impotência?) das tropas aliadas em assegurar o controlo da situação e salvaguardar a integridade destes locais determinantes para a conservação da memória histórica da Humanidade. A política de “protectorado” que se pretende implantar no Iraque, e que de certa forma recupera um modelo político com mais de um século aplicado no Médio Oriente, começa portanto com graves dificuldades estruturais que não prenunciam um futuro fácil. O próprio descontentamento da população iraquiano constituirá um obstáculo complexo. As acções de retaliação ainda só agora começaram e tendem a crescer de dimensão. Afinal, como se poderia esperar verdadeiramente que os iraquianos recebessem os americanos de braços abertos após duas guerras devastadoras e mais de uma década de embargos?